



A Aliança Potente Entre uma Mostra de Cinema e um Programa Educativo¹: Os Números e as Categorias de Filmes da Kino Campinas

*Wenceslao Machado de Oliveira Jr
Carlos Eduardo Albuquerque Miranda
Faculdade de Educação/Unicamp*

O começo

A I Mostra Kino Campinas foi criada como a Mostra de Cinema e Educação do Estado de São Paulo da Rede Latino-americana de Educação, Cinema e Audiovisual-Rede Kino, na esteira da participação nessa Rede de pesquisadores do Laboratório de Estudos Audiovisuais-OLHO, da Faculdade de Educação/Unicamp. O grupo de pesquisa OLHO, com apoio do Museu da Imagem e do Som de Campinas-MIS, realizou, no dia 23 de março de 2016², a sessão de exibição de filmes feitos em escolas e espaços educativos formais e não formais que foram selecionados. A sessão ocorreu no próprio MIS, com o objetivo de levar os realizadores e as instituições educativas àquele museu, fortalecendo-o como instituição cultural e educativa na cidade de Campinas.

Os motivos e os objetivos que levaram os pesquisadores do grupo de pesquisa OLHO a organizar esta primeira Mostra eram muito claros. Em 2014 havia sido promulgada a lei 13006/14, que estabelecia a obrigatoriedade da exibição de pelo menos duas horas de filmes de produção nacional em todas as escolas da educação básica do Brasil. Polêmica pela sua ambiguidade, a lei, em 2015, foi o assunto principal da VII Fórum da Rede Kino, realizado dentro da Temática de Educação da 10ª Mostra de Cinema de Ouro Preto-CINEOP. Os educadores da Rede Kino comemoravam a aprovação da lei e apontavam os desafios de atuar na sua regulamentação, assumindo compromissos em torno disto, os quais se materializaram na publicação, no Catálogo da 11ª CINEOP, em 2016, de um conjunto de proposições de curto, médio e longo prazo para subsidiar o processo de regulamentação e implementação da lei nas escolas. Nestas proposições, em parte desdobradas das discussões ocorridas durante a 10ª CINEOP, fica explícito que a Rede Kino rejeitava a intencionalidade nacionalista, de criação de um público para o

¹ Este texto é uma versão bastante ampliada do texto homônimo publicado no Catálogo da 13ª CINEOP, em 2018.

² <https://www.fe.unicamp.br/eventos/mostrakino/>



cinema brasileiro, embutida na lei. Estas discussões viriam a resultar em mais três iniciativas da Rede Kino: 1. a publicação, em 2016, do livro *Cinema e Educação: a lei 13006 – reflexões, perspectivas e propostas* (FRESQUET, 2016); 2. a participação da Rede Kino no GT de Cinema na Escola, estabelecido em decorrência do acordo técnico de cooperação entre o extinto Ministério da Cultura e o Ministério da Educação para formular uma política de implantação da lei e 3. a ampliação da Rede Kino na Educação Básica em todos os estados brasileiros.

A I Mostra Kino Campinas foi, portanto, uma forma de ativar a Rede Kino no Estado de São Paulo e articular conexões com as escolas e as redes de ensino, bem como com outras ações e instituições educativas da região de Campinas, intensificando as relações que o Laboratório de Estudos Audiovisuais-OLHO havia construído em seus 22 anos de atuação na interface entre a educação e a produção audiovisual.

É nesta proximidade com a pesquisa-criação audiovisual que a Mostra nasce menos voltada a dar visibilidade à produção de audiovisual das escolas e dos espaços educativos e mais focada em provocar uma outra produção audiovisual nestes lugares, apostando no agenciamento que o contato com uma variedade de filmes faria – e fez – dos desejos que toda escola contém de tornar imagem suas práticas cotidianas através das tecnologias que a povoam.

Mostrar é agenciar desejos e enunciados coletivos.

Na organização da Mostra, por estarmos preocupados com a regulamentação-implantação da lei 13006/14, as 9 categorias para inscrição homenagearam cineastas brasileiros, à exceção da já clássica homenagem aos irmãos Lumière. *Kino Eduardo Coutinho*: “Busque uma pessoa com quem você jamais conversou antes. Com a câmera, lance uma pergunta. A resposta é o seu filme”; *Kino Nelson Pereira dos Santos*: “Filme a infância. Observe sua comunidade e os que vivem nela. Enquadre seus movimentos, sem sons. Preste atenção aos detalhes da luz e às cores das construções”; *Kino Petrus Cariri*: “Filme uma festa tradicional do seu bairro, sua cidade. Os processos de preparação, a iluminação, a música, as fantasias..., mas até 3 minutos, não esqueça!”. Havia também *Kinos para Karim Aïnouz, Kléber Mendonça Filho, Humberto Mauro, Eduardo Nunes e Cao Guimarães*.

Para além delas, uma categoria evidenciava a permeabilidade da Mostra com os acontecimentos ao nosso redor: *Kino Ocupação das Escolas do Estado de São Paulo*



2015: “Faça um filme da ocupação de uma escola da Rede Pública do Estado de São Paulo, Mostre como as escolas estão sendo ocupadas, o que é e o que acontece em uma ocupação. Até 3 minutos.”

Não se tratava, portanto, de propor temas ou de basear-se no estilo do cineasta. Foram feitas provocações, em grande parte, inspiradas em uma obra de cada diretor. Não buscamos propor às escolas entrar em uma teoria dos estilos cinematográficos, maneira muito comum de classificação dos filmes no meio acadêmico, mas sim propor a elas afastarem-se da ideia de temas, maneira muito comum de abordar conteúdos na educação através de filmes. Foram estas intencionalidades que fizeram as provocações presentes nas categorias de inscrição tornarem-se desafios estético-visuais de produção audiovisual. Uma possível conversa da educação com o cinema que escapa tanto da teoria do cinema quanto da didatização dos temas socioculturais da escola.

Foram inscritos 20 filmes, cerca de 54 minutos de imagens e sons. A sala do MIS-Campinas estava cheia e, após desassossegos, risos e aplausos para as projeções, tivemos uma excelente conversa do que poderia vir a ser um cinema realizado em escolas.

Neste mesmo momento, março de 2016, nós dois estávamos, como pesquisadores do OLHO, em contato com a Secretaria Municipal de Educação de Campinas compondo uma parceria para a criação e implantação de um programa de incentivo às práticas cineclubistas em sua rede de escolas. Isso viria a criar a possibilidade de continuidade às mostras de cinema e educação e, também, possibilitaria o contato periódico com a produção de filmes feitos nas escolas e demais espaços educativos da região de Campinas.

O Encontro

A II Mostra Kino Campinas ocorreu no dia 01 de dezembro do mesmo ano e seguiu tendo o OLHO como seu organizador e o MIS-Campinas como local de exibição dos filmes selecionados. No entanto, como dissemos acima, ao longo de 2016 havia ocorrido um encontro que alteraria bastante os rumos e potencialidades da Mostra Kino Campinas: **a parceria com o Programa Cinema & Educação: a experiência do cinema na escola básica municipal**³, da Secretaria Municipal de Educação de Campinas,

³ <http://educacaoconectada.campinas.sp.gov.br/programa-cinema-educacao/>



passando a tê-lo na sua organização, compondo e **dando continuidade a uma ação que já vinha sendo realizada por essa Secretaria, a VI Mostra Estudantil de Cinema**⁴.

Esse encontro levou os organizadores da Mostra a se sensibilizar de maneira mais intensa com as possibilidades da experiência do cinema quando adentra escolas de educação infantil e de ensino fundamental. As reflexões dos(as) coordenadores(as) pedagógicos(as), dos(as) pesquisadores(as) do OLHO e dos(as) profissionais da educação da SME-Campinas que fizeram o primeiro curso do programa de Cinema & Educação⁵; o delineamento de políticas de implantação da lei⁶ que foram discutidos na VIII Fórum da Rede Kino, em junho de 2016, durante o 11º CINEOP; e a publicação do livro *Inevitavelmente Cinema*, de Cezar Migliorin (2015), ex-coordenador da Rede Kino e, na época, eleito presidente da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual-SOCINE, foram acontecimentos que construíram a abertura dos organizadores da Mostra para as experimentações com o cinema na escola. O grupo de pesquisa construiu uma variedade de oficinas como parte do Programa *Cinema & Educação*, as quais foram oferecidas ao longo do 2º semestre de 2016 nas escolas municipais de Campinas, levando os profissionais desta rede de ensino a se envolverem com o cinema experimental e o cinema expandido, com as potencialidades dos fragmentos de filmes e dos dispositivos de criação de imagens, metodologia proposta nos Cadernos do *Inventar com a Diferença* (MIGLIORIN; PIPANO, 2016) e discutida no já citado livro *Inevitavelmente Cinema*.

As 11 categorias de inscrição para a II Mostra Kino Campinas espelham isso; ao invés de estilos de filmes e preocupações de cineastas, as categorias priorizaram objetos, gestos e questões comuns nas escolas, associados a dispositivos de criação cinematográfica passíveis de serem experimentados com mais tranquilidade em ambientes escolares. *Kino Mudo*: “Faça um filme mudo de até 5 (cinco) minutos. Não é um filme silencioso, mas mudo, ou seja, pode ter áudio (música, ruídos etc.), desde que não seja a fala de pessoas”; *Kino Diversidade*: “O que é diversidade para você? Como ela se expressa? Qual cultura ela constrói em torno de suas especificidades? Pode se referir à diversidade cultural, étnica, religiosa, sexual, de gênero ou linguística. Faça um filme de

⁴ <https://www.fe.unicamp.br/eventos/2mostrakino/paginas/apresentacao.html>

⁵ Cinema e Cineclube: o cinema na escola de educação básica, oferecido no MIS-Campinas entre abril e novembro de 2016, por pesquisadores do Laboratório de Estudos Audiovisuais-OLHO e por cineastas da região de Campinas.

⁶ Este delineamento foi expresso na carta de Ouro Preto de 2016, disponível no link <http://cineop.com.br/noticia/carta-de-ouro-preto-2016-rede-kino>.



até 5 (cinco) minutos”; *Kino Objeto*: “Peça para uma pessoa que você não conheça apresentar um objeto que é importante para ela. Filme a relação afetiva que esta pessoa estabelece com o objeto. Este é seu filme, mas não esqueça que deve ter até 5 (cinco) minutos”; *Kino Literatura*: “Tome a literatura – um poema, um conto ou conto de fadas, uma crônica... – para inspirar seu filme. Faça um filme de até 3 (três) minutos”, *Kino Máquina*: “Coloque a câmera em algo que se move. Pode fixar a câmera em qualquer objeto e lugar. Faça um plano, veja como ficam as imagens em movimento, sem você segurar a câmera. O tempo de duração da tomada é de, no máximo, 5 (cinco) minutos. Este é seu filme”.

As outras 6 categorias de inscrição mesclavam os posicionamentos diferentes dentro do próprio grupo de coordenadores do Programa *Cinema & Educação*. Quatro conversam com a tradição de mostras cinematográficas: *Kino Lumière*, *Kino Animação*, *Kino Roteiro* e *Kino Doc*; uma categoria nos chegou do Projeto Inventar com a Diferença. *Kino Carta*, e, por fim, manteve-se a abertura para os acontecimentos que afetavam mais intensamente as escolas com o *Kino Ocupação*.

O efeito do encontro entre os dois grupos organizadores – OLHO e SME-Campinas – e das categorias de inscrição estarem sintonizadas com o cotidiano da escola afetado pelas oficinas oferecidas pelo Programa *Cinema & Educação* foram as inscrições se multiplicarem por três: 60 filmes foram inscritos, sendo mais da metade deles produzidos em escolas da rede municipal de ensino de Campinas.

Se na I Mostra houve categorias sem nenhuma inscrição, isso não ocorreu nesta II Mostra. Não somente pela quantidade ter triplicado em inscrições e tempo – foram recebidos cerca de 160 minutos de filmagens no total – mas também pelas categorias terem tido maior permeabilidade com as ações iniciais de um Programa voltado a implementar cineclubes nas escolas municipais, incentivando que eles fossem pautados no tripé ver-conversar-produzir, intensificando a experiência do cinema na escola para fora da sala de projeção, na medida mesma que as experiências de filmagens se dão pela escola afora e mesmo para fora dela.

A aliança



A partir de então, a Mostra Kino Campinas tornou-se parte das ações do referido Programa *Cinema & Educação*, sempre associada à Mostra Estudantil de Cinema.

A divulgação de abertura de inscrições para essa Mostra conjunta intensifica imediatamente a dinâmica das escolas nas ações cinematográficas, muitas delas passando a tomar as categorias de inscrição como mote para as experimentações e produções que realizam.

Nos parece que isso ocorre porque, para além da visibilidade local que ter um filme numa Mostra, traz ao trabalho realizado nas escolas, isso faz com que o alcance dos filmes ali produzidos passe a ser maior, tornando-se ao mesmo tempo um momento de glória e resistência: glória por ter suas obras exibidas em espaço central na cidade e dedicado à cultura (audio)visual e resistência por permitir que profissionais das escolas públicas afirmem-se como produtores de experiências escolares vivas e criativas, combatendo as constantes críticas negativas a eles destinadas.

No entanto, a escolha por não manter as mesmas categorias todos os anos promove variações nas práticas cinematográficas experimentadas em cada contexto escolar.

A escolha dos organizadores da Mostra por promover variação-na-repetição pode ser sentida também nas categorias que se repetem ano a ano. Por exemplo, na categoria *Kino-Lumière* a primeira parte do enunciado seguiu igual, mas sofreu uma variação ao final; na II Mostra Kino Campinas, lia-se: “filme de um minuto com a câmera fixa buscando capturar algum acontecimento do cotidiano que revele a grandeza do ínfimo (Manoel de Barros descrevendo o Minuto Lumière)” e no ano seguinte, III Mostra, podia-se ler: “filme (...) que revele a grandeza do ínfimo, detalhes dos movimentos do mundo, como as luzes que transitam pelos corpos, objetos e lugares” e no último ano “filme (...) que revele a grandeza do ínfimo, (...) o Minuto Lumière terá que ser um filme mudo”.

A III Mostra Kino Campinas⁷, realizada nos moldes da II Mostra, ocorreu em 07 de dezembro de 2017, e teve duas novas categorias: a *Kino Bebê*: “Invente uma forma de trazer os bebês para a experiência do cinema na escola. Você pode entregar a câmera ligada nas mãos deles ou fixá-la em algum lugar ou de algum modo, de forma que os bebês possam interagir com a câmera livremente. Não se importe se está certo ou se está errado. Você estará trazendo algo novo para o cinema. O filme deve ter no máximo 2

⁷ <https://www.fe.unicamp.br/eventos/3mostrakino/paginas/apresentacao.html>



minutos” e a categoria *Kino Livre*: “Você tem feito experiências de cinema e produção de imagens na escola? Você já tem um filme pronto? Então mande seu filme. Esta categoria é livre, com apenas duas limitações: cada escola só poderá inscrever até dois filmes e os filmes não poderão ultrapassar 5 minutos”.

Pela descrição de ambas as categorias fica evidente a permeabilidade às demandas das escolas de maneira geral ao Programa *Cinema & Educação* que, naquele momento, finalizava o segundo ano de suas ações, tendo sido mobilizadas experiências de cineclube em duas dezenas de escolas municipais de Campinas, a maior parte delas de educação infantil, onde bebês fazem parte do cotidiano do trabalho educativo.

O limite estabelecido de um único filme “livre” por escola indicava, também, a expectativa de um grande número de inscrições, as quais, de fato, vieram a ocorrer. Foram 189 filmes inscritos no total; mais de 400 minutos de filmagens.

Das 24 inscrições institucionais de filmes na III Mostra Kino Campinas, 14 foram de escolas da rede municipal, 8 delas de educação infantil, bem como um dos dois produtores individuais inscritos é um profissional de escola municipal de educação infantil. No total, 95 filmes e mais de 250 minutos vieram de profissionais das escolas municipais de Campinas. Entre os 32 filmes selecionados para a sessão de exibição, estavam 20 realizados por profissionais da rede municipal, envolvendo 13 escolas.

Esses números são indicadores da enorme quantidade de filmes e filmagens que vêm sendo realizados nessas escolas, permitindo-nos afirmar que Programa e Mostra se potencializam mutuamente.

A IV Mostra Kino Campinas⁸, realizada em dezembro de 2018, trouxe 7 categorias de inscrição e algumas novidades em sua organização e regulamento. Estávamos chegando ao término do terceiro ano de implantação do Programa *Cinema & Educação* e, talvez por isso, as categorias trouxeram uma mistura das experiências anteriores: *Kino Lumière*, *Kino Carta*, *Kino Objeto*, *Kino Bebê*, *Kino Poesia*, *Kino Doc* e *Kino Livre*. A única novidade foi a *Kino Poesia*: “Inspirado num poema ou rap, de sua própria autoria ou não, crie um filme de no máximo 2 minutos”.

Ainda que seus nomes fossem os mesmos, os enunciados das categorias sofreram alterações com o intuito de, a um só tempo, dobrar ali enunciados de categorias anteriores

⁸ <http://educacaoconectada.campinas.sp.gov.br/iv-mostra-kino-e-viii-mostra-estudantil-de-cinema/>



e trazer provocações que levassem a novas experimentações com o cinema na escola. Por exemplo, a *Kino Doc*: “Procure uma pessoa que tenha uma boa história para contar. Enquadre a pessoa, fique ao lado da câmera e converse com essa pessoa sem mexer na câmera: você não vai aparecer na cena filmada. Seu filme deve ter até 5 (cinco) minutos”. Esta categoria circunscreveu uma forma de filmar que veio da categoria *Kino Eduardo Coutinho* da I Mostra Kino Campinas. Outro exemplo, a *Kino Objeto*: “As coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis” (Manuel de Barros). Escolha um objeto que quer ser visto diferente. Faça um plano único deste objeto com a câmera parada e converse com este objeto para saber como ele quer ser visto. Este é seu filme, mas não esqueça que é deve ter 2 (dois) minutos”. Esta categoria traz novamente uma citação de Manuel de Barros, recurso que havia sido utilizado para a categoria *Kino Lumière*, também na I Mostra. Neste caso, a categoria sofre também uma mudança de ponto de vista, não mais o do afeto do objeto em um sujeito, mas do afeto do mundo em um objeto.

Outra novidade foi que esta Mostra foi organizada exclusivamente pela coordenação do Programa *Cinema & Educação*, sem a participação dos pesquisadores do OLHO⁹, tendo as inscrições e a divulgação deixado de serem feitas no domínio da Faculdade de Educação da Unicamp e passado para o domínio da Secretaria Municipal de Campinas, através do site Educação Conectada, onde também encontram-se as várias Coleções de filmes de curta-metragem¹⁰ curadas pelo Programa como apoio à ampliação de repertório dos profissionais da educação.

Tendo em vista o grande crescimento da produção de filmes nas escolas da região, a edição de 2018 limitou a quantidade de filmes que cada escola poderia inscrever na Mostra. O número máximo eram três filmes. O regulamento informava que, “se houver mais de três produções realizadas a serem inscritas, a escola deverá realizar uma curadoria indicando quais filmes irá inscrever, independentemente da categoria”. Sabíamos que algumas escolas produziam muito mais do que os filmes que poderiam inscrever na Mostra e queríamos, justamente, que a própria escola experimentasse a escolha de filmes que saíam da escola, qualificando a instância escolar como parte da seleção dos filmes que seriam exibidos no dia da IV Mostra Kino Campinas. Esta seleção interna possibilitou capilarizar e multiplicar os agenciamentos de desejos e de enunciados em torno das

⁹ Estes foram apenas convidados para serem membros do júri.

¹⁰ Estas Coleções possuem acesso público pelo link <http://educacaoconectada.campinas.sp.gov.br/programa-cinema-educacao/acervo/>



imagens audiovisuais e a propagação do pensar estas imagens em diversas camadas do Programa e dos demais circuitos de produção audiovisual escolar da região de Campinas. Como resultado, em termos de participação de professores e escolas, o número geral de inscrições se estabilizou e a participação das escolas e de professores tornou-se mais equânime. Aumentou o número de participantes, mas não o de inscrições.

A V Mostra Kino Campinas, realizada no dia 03 de dezembro de 2019, também foi organizada pela equipe da coordenação do Programa *Cinema & Educação*, consolidando a aliança entre ambos. Esta Mostra manteve o mesmo texto de Apresentação da anterior, onde fica explícito que a qualidade do cinema feito nas escolas é medida também por aquilo tem qualidade educativa. Por isto, nele lemos: “partimos do princípio de que as produções colaborativas e horizontais entre educadores e estudantes possibilitam a emancipação dos sujeitos e por isso esta relação tem sido entendida como um importante critério de seleção das obras. Outros critérios, não menos importantes, são a inventividade e a fuga dos clichês, além da adequação da produção à categoria em que a obra será inscrita”.

Os princípios educativos definidos nos documentos oficiais da Secretaria Municipal de Campinas, bem como defendidos nas lutas dos docentes desta rede de ensino, modulam as escolhas dos curadores que selecionaram os filmes a partir das 8 categorias de inscrição, as mesmas do ano anterior acrescidas da *Kino Animação*: “Produza um filme de animação, em qualquer umas das modalidades, tendo no máximo 2 (dois) minutos”. Esta categoria reflete a reverberação muito positiva das oficinas de animação cinematográfica que vem sendo oferecidas pelo Núcleo de Animação de Campinas nas escolas com o apoio do Programa *Cinema & Educação*.

(Des)territorializando a aliança

Tanto a variação das categorias de inscrição, e das provocações que as acompanham, quanto a limitação no número de inscrições por escola, não indicam linearidade ou perspectiva de desenvolvimento ou progressão de um currículo de cinema na/para a escola. Tal como a própria implantação e propagação do Programa *Cinema & Educação*, estas ações operam na multiplicidade do ver-conversar-fazer das práticas cineclubistas. Estes mecanismos de propagação agenciam a organização das últimas edições da Mostra Kino Campinas e estas, por sua vez, mostram/agenciam os desejos e



os enunciados em circulação nas escolas, intensificando a propagação de múltiplas formas de se fazer cinema na escola ao apresentar esta variedade de filmes em uma única noite.

Neste sentido, podemos afirmar que o funcionamento do duplo agenciamento Mostra/Programa não se faz por uma planificação racional intencionada, mas pela permeabilidade sensível às contaminações múltiplas que seus mecanismos de efetivação propiciam. É preciso dizer, seguindo os escritos de Gilles Deleuze e Félix Guattari (2015), que todo agenciamento vai criando um *território comum*, configurado, ao nosso ver, pelas categorias de inscrição e pelas regulações que visam a expansão do número de escolas e a variação dos estilos de cinema, e também *pontas de desterritorialização*, tendo nelas sempre *linhas de fuga*, pelas quais o próprio território criado pelo agenciamento foge e faz escoar suas expressões que se desarticulam.

Tendo em vista que há uma aposta forte em mostrar (Mostra) como agenciamento, pensamos que o *território comum* do encontro Mostra/Programa é ele mesmo produtivo para *linhas de fuga*, uma vez que mostrar uma variedade de filmes conjuntamente, sem hierarquias entre eles, amplia a possibilidade delas emergirem ali, uma vez que estão permanentemente presentes, mesmo que em virtualidade, nos espectadores emancipados (RANCIÈRE, 2012) para ver-conversar-fazer aquelas e outras imagens e sons. É esta emancipação inicial, em que todos têm potência de provocar deformações e metamorfoses nas expressões e nos conteúdos dos filmes exibidos, que cada Mostra propõe. Neste sentido, podemos dizer que são menos importantes os acertos ou a adequação dos filmes, e mais importantes os desvios que estes fazem para forçar as categorias, e os filmes que nelas são inscritos e exibidos, a serem outras coisas.

Referências Bibliográficas

ÂNGELO, R.H.; ÂNGELO, F.H. (org.) Catálogo da 10ª Mostra de Cinema de Ouro Preto-CINEOP. Belo Horizonte: Universo Produções, 2015.

ÂNGELO, R.H.; ÂNGELO, F.H. (org.) Catálogo da 11ª Mostra de Cinema de Ouro Preto-CINEOP. Belo Horizonte: Universo Produções, 2016.

ÂNGELO, R.H.; ÂNGELO, F.H. (org.) Catálogo da 13ª Mostra de Cinema de Ouro Preto-CINEOP. Belo Horizonte: Universo Produções, 2018.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Kafka Por uma literatura menor. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.



FRESQUET, A. (org.) Cinema e Educação: a lei 13006 – reflexões, perspectivas e propostas. Belo Horizonte: Universo Produções, 2016.

MIGLIORIN, C. Inevitavelmente cinema: educação, política e mafuá. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2015.

MIGLIORIN, C.; PIPANO, I. (et al.) Cadernos do inventar: cinema, educação e direitos humanos. Niterói: EDG, 2016.

RANCIÈRE, J. O espectador emancipado. São Paulo: Martins Fontes, 2012.